



AUTORIDADE LOCAL

JOANA VILLAVERDE • Fazer arte é fazer política

A Joana Villaverde põe sempre os pontos nos is. Não há muitas meias palavras com ela. Até porque não há tempo a perder, mesmo vivendo no Alentejo, onde o tempo tem outro espaço para se esticar. Aliás, a Joana é uma alentejana por acidente. Ou por acaso. Ou porque uma das maravilhas da vida é que ela nos empurra para decisões que não estavam nos planos e que nos fazem assumir lares onde não estávamos a pensar viver. Ou porque tempos de crise são oportunidades para mudar de terra, como se dizia ainda não há muito tempo, se bem que a Joana não seja pessoa de perder tempo com dizeres desse teor. Na realidade, a Joana mudou-se para o Alentejo, mais concretamente para Avis, porque adquirir casa em Lisboa era, e é, um pesadelo para o orçamento, e a necessidade de encontrar um espaço viável para criar era maior. Mas o espírito resistente alentejano casou muito bem com o dela, que sempre teve, como admite, uma relação emocional com esta região. Aliás, tudo na Joana é emoção, o sentimento maior que a faz continuar a acreditar.

Desde 2012, Avis é a sua base artística, foi o altar do casamento com a Patrícia e o palco da sua primeira grande exposição, intitulada *Animal's Nightmare* e dedicada a um tema

que mais político não podia ser: a Palestina. Para quem diz, sem falsas modéstias, que não percebe nada de arte, não tem vergonha em revelar-se preguiçosa, e expõe ao público todo o processo criativo, incluindo os erros, a Joana Villaverde tem os ditos pontos nos is bem apontados: acredita que é o espaço onde expõe que define a forma e o conteúdo da exposição, quer desmistificar e levar a arte contemporânea ao interior e afirma sem papas na língua que fazer arte é fazer política. Uma manifestação disto mesmo é o facto de ter aparecido muita gente na exposição e a história de um jovem que à saída disse: “um carro aqui dentro é estúpido” Uma estupidez que levou a Joana a confrontá-lo: “se calhar vais para casa pensar no estúpido que isto é, não é verdade? Ele ficou meio irritado comigo, mas eu percebi que alguma coisa o tinha intrigado” Objectivo cumprido ou será que é tudo relativo? Uma resposta possível pode estar na colectiva em que a Joana participou em Sagres em 2016, onde lhe apeteceu, como sempre emocionalmente, espalhar uns cubos azuis. Quando estava a montar as peças, um grupo de franceses perguntou-lhe para que é que aquilo servia. Quando ela retorquiu “para nada” eles exclamaram: “Ah... é arte”



Joana Villaverde por David Penela